



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

RUTH MARGARETE DA SILVA ALBUQUERQUE

**A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA NA PEDAGOGIA
DE PROJETOS ESCOLARES**

**CAMPINA GRANDE
2022**

RUTH MARGARETE DA SILVA ALBUQUERQUE

**A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA NA PEDAGOGIA
DE PROJETOS ESCOLARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A345c Albuquerque, Ruth Margarete da Silva.

A cultura afro-brasileira nas aulas de história na pedagogia de projetos escolares [manuscrito] / Ruth Margarete da Silva Albuquerque. - 2022.

29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

RUTH MARGARETE DA SILVA ALBUQUERQUE

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA NA PEDAGOGIA DE
PROJETOS ESCOLARES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura Plena
em História.

Aprovada em: 30 / 11 / 2022.

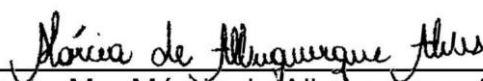
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)



Prof. Dr^a. Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ma. Márcia de Albuquerque Alves
Centro Universitário - UNIESP

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, João Batista Albuquerque e a
minha mãe, Inácia da Silva Albuquerque
pela dedicação, companheirismo e
amizade, DEDICO.

Na verdade, não nasci marcado para ser um professor a esta maneira, mas me tornei assim na experiência de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude (FREIRE, 2020, p. 98).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do projeto.....	20
---------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	10
3	PRÁTICAS EDUCATIVAS COM METODOLOGIA DE PROJETO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
4	AÇÕES EDUCATIVAS COM METODOLOGIA DE PROJETO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE - PB.....	19
5	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS	26

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA NA PEDAGOGIA DE PROJETOS ESCOLARES

Ruth Margarete da Silva Albuquerque¹

RESUMO

O presente trabalho aborda a pedagogia de projetos na escola a partir da temática étnico racial na perspectiva da história e cultura africana e afro-brasileira. Tem como objetivo geral, buscar discutir sobre a importância formativa da metodologia de projetos nas práticas educativas no ensino de História na abordagem da temática da cultura afro-brasileira, articulada a lei 11.645/2008. O trabalho está situado no campo e na abordagem do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira mediatizada na pedagogia de projetos a partir dos estudos com, Priore (2016), Freire (2018), Gomes (2011), e Souza (1990). A abordagem metodológica foi a partir da pesquisa bibliográfica, documental e relato de experiência em projetos desenvolvido em uma turma de 7º ano na Escola Municipal Padre Antonino, localizada na periferia da cidade de Campina Grande-PB. Através desta pesquisa, compreendemos que a metodologia de projeto, analisada na prática, é eficaz para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, a pedagogia de projetos pode fazer esse trabalho de forma majestosa, com diferentes atividades incluindo os variados aspectos sobre o tema colocando os educandos nessa produção de forma ativa, torna-os protagonistas da História.

Palavras-chave: Ensino de história. Pedagogia de Projetos. Cultura negra.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la pedagogía de proyectos en la escuela a partir de la temática étnico-racial en la perspectiva de la historia y cultura africana y afrobrasileña. Tiene como objetivo general buscar discutir la importancia formativa de la metodología proyectual en las prácticas educativas en la enseñanza de la Historia en el abordaje de la temática de la cultura afrobrasileña, articulada en la Ley 11.645/2008. El trabajo se sitúa en el campo y en el abordaje de la enseñanza de la historia africana y la cultura afrobrasileña mediada en la pedagogía de proyectos a partir de estudios con Priore (2016), Freire (2018), Gomes (2011) y Souza (diecinueve noventa). El enfoque metodológico se basó en investigaciones bibliográficas, documentales y relatos de experiencia sobre proyectos desarrollados en una clase de 7º grado de la Escuela Municipal Padre Antonino, ubicada en la periferia de la ciudad de Campina Grande-PB. A través de esta investigación, entendemos que la metodología del proyecto, analizada en la práctica, es eficaz para la enseñanza de la historia y la cultura africana y afrobrasileña, la pedagogía del proyecto puede hacer este trabajo de manera majestuosa, con diferentes actividades que incluyen los diversos aspectos sobre el tema. al colocar a los

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

estudiantes en esta producción de manera activa, los convierte en protagonistas de la Historia.

Palabras-clave: Enseñanza de la historia; Pedagogía del proyecto; cultura negra.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de projetos na escola, é de suma importância porque eles aproximam os estudantes da realidade social e educativa em que vivem, e as temáticas dos projetos possibilitam isso. Dessa maneira, nosso objeto de estudo, tenciona vislumbrar a cultura afro-brasileira na pedagogia de projetos nas aulas de história. Por conseguinte, a partir de estudos feitos sobre a temática, pudemos constatar ser de suma importância sua abordagem, pois a pedagogia de projetos possibilita dinâmicas e leveza no trabalho feito com os mais variados temas.

Neste caso, trabalhamos com a pedagogia de projeto, na abordagem da cultura afro-brasileira história e cultura africana, tema que necessita de um trabalho que possibilite discussões no decorrer do ano letivo, influencie diretamente na vida dos educandos, trazendo qualidade do convívio do corpo estudantil.

Portanto, na perspectiva de discente da Universidade Estadual da Paraíba, residente duas vezes pelo programa Federal de Iniciação à docência Residência Pedagógica, em uma primeira cota como bolsista (2018-2020) e em uma segunda cota como voluntária (2020-2022), compondo o subprojeto História coordenado pela professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão e como coordenadora geral a professora Dra. Paula Almeida de Castro.

Nesse sentido, participar do programa Residência Pedagógica foi fundamental para o desenvolvimento social e cultural, enquanto membros da Universidade Estadual da Paraíba. Influenciou-nos de forma direta; e, como passamos a nos sentir cada vez mais parte relevante da instituição, além de perceber o impacto que nossa desenvoltura, em sala de aula, e na realização dos nossos trabalhos. O projeto foi importante principalmente para que os envolvidos no desenvolvimento pudessem perceber a importância da atuação enquanto pesquisadores e professores residentes.

O projeto nos auxiliou com formações voltadas para a realização de trabalhos acadêmicos como, artigos, produção de projetos e comportamentos acerca da postura que a academia exige. Além da formação de professores, que nos enriqueceu com a prática da sala de aula; e, com o desenvolvimento de atividades diferenciadas como o uso de aplicativos e dinâmicas, por exemplo.

O programa nos abriu portas, possibilitando o estágio mais cedo e frequente do que os presentes na grade curricular do curso. Portanto, conseguimos prática e contato com outros professores que sempre, muito solícitos, nos transmitiam verdadeiras aulas sobre o ser professor.

Durante a graduação, tivemos a oportunidade de participar também de um projeto de extensão como bolsista, coordenado pela professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão. O projeto, intitulado “Navega (arte): na confluência dos saberes históricos”, também possibilitou contato com outras escolas e outros professores. Mas foi a Residência Pedagógica que permitiu o contato com a professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, que já trabalhava desde a década de 2000 nas escolas municipais da cidade de Campina Grande - PB.

A docente citada, que no cotidiano, enquanto a professora preceptora, nos ensinou as habilidades e conhecimentos sobre ser professora na sala de aula do ensino fundamental. Com leveza, dedicação e muito carisma. Foi sempre de extrema importância para a condução do programa Residência Pedagógica.

A professora Me. Marinalva Carvalho, que já desenvolvia pedagogia de projetos desde 2006, na escola, sobre a cultura história africana e afro-brasileira. Dessa maneira, a partir desse contato possibilitado pelo programa residência pedagógica, provocou nosso interesse de desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso sobre essa temática.

A partir da experiência cotidiana no decorrer da realização da Residência Pedagógica, junto a professora Me. Marinalva Carvalho, observamos a necessidade de implementar a pedagogia de projetos para sala de aula de História de forma efetiva. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo geral, buscar discutir sobre a importância formativa da metodologia de projetos nas práticas educativas no ensino de História na abordagem da temática da cultura afro-brasileira, articulada a lei 11.645/2008.

Portanto, como objetivos específicos temos três, que são: discutir sobre o ensino de História, dando ênfase a história e cultura da África e afro-brasileira ao articular seu desenvolvimento a Lei nº 10.639/2003, e a Lei nº 11.645/2008. Por conseguinte, analisar o papel educativo da pedagogia de projeto nas aulas de História no ensino fundamental anos finais. E para finalizar, refletir como a metodologia de projeto nas aulas de História contribui na abordagem da temática da cultura afro-brasileira a partir do projeto pedagógico da professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho.

Nesse sentido, a problemática deste projeto baseia-se em como melhorar a incompletude das aulas de História sobre a cultura e história da África; e, da cultura afro brasileira, ressaltando a importância da pedagogia de projetos na escola, principalmente, na abordagem de temas já citados.

Esse projeto é situado no campo do ensino de História, na abordagem da questão racial na perspectiva do povo negro, do qual mencionamos a cultura afro-brasileira, para ser pensada em propostas na sala de aula de história como a pedagogia de projetos, a partir da experiência do projeto “História e cultura afro-brasileira: conhecimento e valorização”, desenvolvido com a professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho.

Como referenciais teóricos, utilizamos para desenvolver o estudo, partindo da pesquisa no campo da História, Priore (2016) e Schwarcz (2019), no campo da educação Freire (2018) e no campo da cultura africana e afro-brasileira, Gomes (2011) e Souza (1990).

Esse trabalho é resultado de uma experiência com projetos da escola, articulada uma pesquisa bibliográfica e documental. Sendo assim, utilizamos de fontes históricas como o documento do projeto da professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho e da vivência em sala de aula proporcionada pelo programa Residência Pedagógica. Dessa forma, sua execução contribui para a percepção, do discente universitário, e para todo o campo da educação, de maneira comprovar o método a metodologia de ensino pesquisada e analisada na prática, como sendo eficaz, mediante apontamentos definidos como, as atividades desenvolvidas.

Assim sendo, o texto está organizado em três sessões. A primeira sessão, nomeada “A cultura afro-brasileira na educação escolar nas aulas de História”, enfatiza sobre o ensino no Brasil e a abordagem da Lei Federal nº 10.639/03, atual

Lei Federal nº 11.645/08, que gera a obrigatoriedade da abordagem da temática história e cultura africana e afro-brasileira.

A segunda sessão, “práticas educativas com metodologia de projeto no ensino de História”, aborda o ensino a partir da utilização da pedagogia de projetos.

Por fim, a sessão de número três, nomeada de “ações educativas com metodologia de projeto em uma escola pública de Campina Grande-PB”, nesse tópico é abordado o desenvolvimento da pedagogia de projetos em prática, a partir do trabalho da professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho. Diante do exposto, concluímos com as considerações finais e com as referências bibliográficas.

2 A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS AULAS DE HISTÓRIA

Nesta seção, refletiremos acerca da cultura afro-brasileira e a cultura africana na educação escolar a partir das aulas de História, notabilizando as políticas afirmativas que passaram a incluir a história da África e da cultura afro-brasileira na educação escolar sobretudo a partir das aulas de história. Nela discutiremos, a educação brasileira na atualidade, questões acerca do Movimento Negro no Brasil, a criação das Leis Federais nº 10.639/2003 e a nº 11.645/2008, como também seus objetivos e nuances.

Ao falarmos sobre o ensino de História, buscamos estudar a trajetória dos seres humanos ao longo do tempo. No ensino básico, essa busca se envolve junto a estudos que tem como propositura formar cidadãos humanizados, em busca de sua autonomia e liberdade a partir das atividades desenvolvidas em conjunto na sala de aula.

Formar pessoas que pensem o contexto dos acontecimentos e que saibam o que acontece é fruto do próprio tempo, dentro das particularidades de um período e segue um posicionamento político e que todos esses fatores devem ser levados em consideração para estudar ou analisar cada processo que acontece ao nosso redor ou distante dos envolvidos.

Dessa maneira, a história por si só mostra o poder da pesquisa e o quanto precisa ser realizada cautelosamente para que tenhamos resultados, não objetivos, pois nas ciências humanas a objetividade e a certeza não fazem parte do nosso vocabulário, mas que tenhamos respaldo e informações que nos permitam fazer questionamentos e reflexões ao longo da vida em sociedade.

A pesquisa no campo do ensino de história, transforma professores e estudantes do ensino básico, pois os coloca como participantes ativos da produção do conhecimento. Tornando-se assim sujeitos e objetos da história. Como afirma Cerri (2011), há o fato de que o professor precisa mostrar o fazer histórico de perto ao alunado, como a veracidade de que a história nos faz compreender que as coisas estão sempre ligadas a contextos, posicionamentos, condições, pessoas, a sua localidade e influências.

Enfatizamos a importância da articulação entre ensino e pesquisa; e, a maneira que o ensino pautado na pesquisa pode contribuir principalmente com os conteúdos e particularidades que os livros didáticos não abordam e não incluem em seu sumário. Trabalhar com pesquisa, conforme Peixoto (2016), diz respeito ao aluno sujeito do aprendizado, pois o leva a pensar historicamente, sendo

imprescindível conceder ao aluno e aos professores da rede básica de ensino, autonomia levando-os a reflexão e ao desenvolvimento de suas habilidades.

No âmbito dos saberes pedagógicos em crise, ao recolocar questões tão relevantes agora quanto foram na década de 1960, Freire, como homem de seu tempo, traduz, no modo lúcido e peculiar, aquilo que os estudos das ciências da educação vêm apontando nos últimos anos: a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber fazer e o saber-ser pedagógicos” (FREIRE, 2018, p. 12).

Deste modo, Freire (2018) expõe a importância de falar com os educandos sobre o conhecimento que esses trazem consigo para sala de aula. Precisamos reconhecer que a história não é o determinismo, mas que nos permite possibilidades, enquanto desenvolvemos uma prática crítica-educativa. Tal prática que contribui diretamente no novo olhar desses cidadãos com a sociedade, ver o mundo, seus problemas e saber que estes são possíveis de serem transformados.

Por conseguinte, a educação brasileira apresenta diferentes realidades. Logo, ao observá-las a partir das experiências durante a iniciação à docência no programa de Residência Pedagógica e estágios supervisionados das disciplinas do curso de licenciatura, vivenciamos um pouco do abandono que temos em relação a falta de envolvimento dos pais, da comunidade e da população que negam a responsabilidade, a participação, o (re)conhecimento das atividades desenvolvidas no âmbito escolar e culpam à escola por não envolver os alunos de forma “eficaz”.

No período anterior a pandemia da COVID-19, durante; e, logo depois ao regresso das aulas presenciais, tivemos contato com a dura experiência de famílias geralmente de baixa renda, pretas e periféricas, com instabilidade em seus lares, com questões financeiras gritantes, além de contar com forte marginalização. Convivendo por várias vezes com a falta do que comer, sem mencionar a falta de materiais básicos para realizar suas atividades de casa, sendo assim, refletindo no abandono escolar assustador.

Diante deste contexto, percebemos a preocupação e provocações de envolver os alunos no pensar e no fazer histórico, colocando-nos como professora e pesquisadora da área de educação e do ensino de História, que essas famílias deveriam ter suas participações exigidas, e envolvidas pela escola, no cotidiano escolar, a partir de medidas inclusivas pensadas durante o desenvolvimento do planejamento das aulas.

Pensamento viável a partir de estudos realizados com olhar em Freire (2018), mostrando que o ato de ensinar, exige coragem, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações[...]A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com o que a branquitude da sociedade em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não tem nada que ver com o bom-

senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 2018, p. 37).

Partindo do cenário e reflexões de Freire (2018), aponta a importância do fazer pedagógico democrático, este nos enche os olhos. É pensando nessa realidade, apontada ainda por Freire (2018), é que refletimos sobre a introdução na escola da pedagogia de projetos voltada para políticas públicas dos âmbitos sociais e econômicos, como maneira de viabilizar o ensino inclusivo, pensado para abraçar não só os educandos, como também seus familiares e sua comunidade.

Posto isto, ao trabalhar com educação, sabemos da existência de temas que ainda aparecem de forma incipiente, portanto vemos isso como um problema, ativistas como os do Movimento Negro buscaram meios para que o povo negro tivesse sua história também contada nos livros didáticos de forma respeitosa, mantendo nesses materiais didáticos o povo africano como atores principais de sua própria história; e, não mais, como coadjuvantes, por exemplo.

Dessa maneira, a vasta atuação do movimento negro pode ser acompanhada pela descrição de Schwarcz (2019) quando nos expõe de forma linear algumas das várias atuações do movimento.

Não há ideologia do “coitadismo” no Brasil, ainda mais quando o tema remete à exclusão racial. Ao contrário, as conquistas que o ativismo negro alcançou desde pelo menos a década de 1920, vem demonstrando como aqui não existe laivo de “democracia racial” enquanto persistir tamanha desigualdade social, econômica e racial. Por outro lado, e como bem mostra o sociólogo Petrônio Domingues, não foram poucas as iniciativas de sujeitos negros no sentido de adquirir e lutar por mais igualdade e inclusão. A Frente Negra Brasileira, por exemplo, foi muito atuante na época de Getúlio Vargas, enquanto, durante a Segunda República, foram marcantes a União dos Homens de Cor, o Teatro Experimental do Negro e a Associação Cultural do Negro. No contexto da Abertura, que se inaugura em 1978, o Movimento Negro Unificado assumiu uma espécie de liderança na luta antirracista em nosso país. Já no século XXI foi a vez de um engajado feminismo negro questionar os demais feminismos, produzir suas próprias teorias, expondo as especificidades e a realidade dessas mulheres (SCHWARCZ, 2019, p. 36).

A vista disso, o Movimento Negro a partir de muita luta e perseverança, vem marcando presença com sua trajetória que permitiu que a voz do povo negro brasileiro fosse ecoada até chegar as autoridades mediante a proporção do movimento, que conseguiu abrir e proporcionar espaço a discussões sobre questões raciais, como o racismo, o branqueamento forçado que as populações negras vinham sofrendo no país. Além da negação da história e cultura africana, como também afro-brasileira. Nesse contexto, Segundo Morais (2016), em 1995 o então presidente da época Fernando Henrique Cardoso, pela primeira vez admitiu oficialmente que os negros eram discriminados.

Num país no qual por muito tempo foi defendido o mito da democracia racial que dificultava o trabalho de quem já escrevia sobre o racismo e a desigualdade e lutava em meados do século XX, como Roger Bastide, Luiz A. da Costa Pinto e Florestan Fernandes. Assim sendo, como falar de racismo, desigualdade e a pobreza econômica do povo negro num país que por tanto tempo a negou? De fato, o primeiro passo precisa ser admitir que esse problema existe, para tomar as providências cabíveis.

O povo brasileiro já vinha sendo marcado por um branqueamento forçado da cultura afro e afro-brasileira. Quando tratamos de temas sobre as culturas africanas

e dos afro-brasileiros que são inclusos em conteúdos sobre o samba, a culinária em geral como a cocada, o vatapá e não poderíamos esquecer o Carnaval. Este último, que por sinal, foi segundo Priore (2016) “dezafricanizado”, com o surgimento do desfile de Carnaval na Capital Republicana na década de 1920. A elite como um todo vinha promovendo mudanças adicionando o glamour, o luxo, e a acultura europeia, que aos poucos iam sendo aderidas pelas camadas populares, mas mesmo assim, os mais pobres e negros assistiam, agora de suas calçadas de forma passiva, ou seja, não desfrutavam mais dessa festividade de forma ativa, de acordo com sua cultura e nuances, sendo totalmente excluídos.

Nesse contexto, é necessário destacar a importância de trabalhar a identidade negra. Temos no Brasil, segundo Souza e Roque (2020) dentre o número de suicídios, em sua maioria jovens negros. Sendo o conteúdo das culturas africanas e dos afro-brasileiros inerentemente necessário de ser trabalhado em sala de aula para que essa identidade negra seja retomada na vida desses jovens. É preciso recuperar a autoestima, incluí-los na sociedade de forma ativa; e, não mais, em sua margem.

Assim, Gomes (2011) nos traz que a identidade negra é construída, no contato com o outro, pois nenhuma identidade tem sua construção no isolamento e que, portanto, segundo Souza (1990), ser negro no Brasil é tornar-se negro. Portanto, precisamos que seja elaborada uma construção diária pensada na inclusão dos jovens negros dentro da sala de aula, porque é na escola que estes têm seu primeiro contato com a experiência social que é viver.

De acordo com este cenário, o governo do presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003 promulgou a Lei Federal Nº 10.639/2003, que modificava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Nº 9.394, de 1996 e tinha como diferencial justamente diretrizes curriculares que explicitavam o que deveria ser exigido no currículo escolar em cada nível. Como mostra o parágrafo primeiro do Art. 26-A:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil (BRASIL, 2003).

Dessa maneira, ficam nítidos os conteúdos que devem ser trabalhados e conseqüentemente pensados os formatos que serão abordados. Portanto, é fundamental admitir todas as influências da cultura africana e afro-brasileira como um todo no desenvolvimento da cultura brasileira, valendo justamente para conhecer, ampliar as visões e reconhecer essa cultura que faz parte de quem somos e que tanto já foi e é excluída, mas que todo dia vence um pouco desses preconceitos para ser trabalhada dentro das escolas de forma ampla.

É preciso, além disso tudo, instigar a reflexão sobre a vida das populações negras no Brasil, marcados por questões de exclusão social que até hoje assolam a história social do povo brasileiro. Observamos que nos grandes centros, a maioria da população negra que não gozam da infraestrutura da cidade.

É importante acrescentar que ao falar da sociedade africana, da história e cultura do continente no geral, é necessário estar atento a observações antes de falar de temas tradicionais como Egito, por exemplo, que deve ser associado como um país pertencente ao continente africano frisando, assim, sua localização.

Entretanto essa informação, sobretudo no ensino básico, não é destacada aos estudantes e personagens históricos e emblemáticas como a Cleópatra são branqueados. E seguindo a continuidade das ações afirmativas, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu segundo mandato promulgou a Lei Federal Nº 11.645/2008, que modifica a lei anterior no parágrafo segundo do Art. 26-A, e acrescenta a obrigatoriedade do ensino dos povos indígenas brasileiros. Portanto, isso significa agregar, ou seja, não querendo dizer que ao trazer a obrigatoriedade da história e cultura africana, afro-brasileira e dos indígenas brasileiros, estamos excluindo a história europeia.

Mesmo sabendo da importância que a obrigatoriedade da lei representa ao estudo de temas como esses, muitas vezes, ainda sim, acontecessem abordagens com falhas e inúmeras lacunas. Quando falamos do continente africano, é fundamental admitir que os livros didáticos estão, muitas vezes, pautados a guiar o professor a falar de estereótipos; e, não das particularidades do tema em si, e seus detalhes e como realmente são.

É preciso pensar em como os conteúdos são ensinados para o alunado, se está em sintonia com o meio que estes vivem. E como os docentes vem buscando caminhos para trabalhar os temas no momento de profundas mudanças, principalmente em momentos de mudanças sociais, políticas e culturais.

Por conseguinte, não podemos esquecer dos problemas que assolam a sala de aula de História nas escolas tais como, a diminuição do número de aulas, os cortes que muitos temas apresentam nos livros didáticos da disciplina, por exemplo a presença da mulher, a cultura indígena, questões atuais, como direitos e a cultura afro-brasileira, seus destaques ao longo da história, além de suas problemáticas na atualidade.

É preciso mostrar o lugar da história em meio a realidade vivida e presenciada, formando elos entre os livros e o cotidiano desses educandos. Representar a história de forma que desperte pensamentos acerca das problemáticas corriqueiras, que pense seu lugar, seu bairro, o que acontece ao seu redor, expondo que o lugar da História é no pensamento, junto aos questionamentos da vida diariamente.

Á História está presente no aumento dos preços dos produtos no supermercado, no vizinho desempregado; e, na escola quando o professor pergunta, durante a aula, sobre a Lei Áurea. A importância do ensino de História revela que para além dos olhos dos estudantes, podemos pensar a pedagogia de projeto, como um método que pensa a história criada na academia, como também a feita por todos os cidadãos que já lutaram tantas batalhas, como leis trabalhistas conquistadas e direitos arrancados.

Nessa perspectiva, as aulas devem buscar atividades pedagógicas ligadas a interdisciplinaridade, focando nos vários eixos de um tema, proporcionando atividades que busquem provocar uma reflexão para ser compartilhada. À vista disso, quando paramos para pensar e planejar uma aula, temos que produzir a partir do que nos é dado ou temos acesso dentro da escola, seja de forma material como os produtos cedidos pela escola para executar suas atividades, seja pela realidade que o educando presente nessa aula tem contato.

É possível trabalhar os mais diversos temas a partir de filmes, músicas, livros, aplicativos, imagens de obras de arte, selecionando textos, desenhos, tirinhas e outras diversas formas, mas, o principal, precisa ser o respeito com as vivências que

o corpo discente já carrega. Logo, cada aula é “personalizada”¹, a partir da linguagem utilizada para trabalhar os conteúdos, seja nos exemplos, nos materiais que utilizamos, além da participação dos estudantes com suas experiências de mundo e vida.

3 PRÁTICAS EDUCATIVAS COM METODOLOGIA DE PROJETO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Nesta seção discutiremos o envolvimento do povo brasileiro com a história, além do em torno da base nacional comum curricular, ligando-a ao cotidiano dos educandos e sobretudo a perspectiva de conteúdos como a história da África e do povo africano, dos negros no Brasil e a cultura negra brasileira. Portanto, no sentido da pedagogia de projetos como metodologia proposta para sanar as dificuldades dos professores na abordagem dos conteúdos mencionados.

Por muitas vezes, notamos nossa sociedade omissa aos acontecimentos sociais do mundo e do país, mesmo que, com frequência, acontecimentos internacionais provoquem uma comoção nacional superior.

Nesse contexto, a disciplina de História que busca inteirar os alunos sobre acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais de várias épocas, nos possibilita respaldo teórico e prático, para tomarmos conhecimento sobre as questões enfrentadas pela sociedade na atualidade para que seja possível interpretar os mais diversos contextos, sabendo de onde vem muitos comportamentos e crenças. Essa atuação direta na formação do cidadão, desperta interesses ligados aos detentores do poder, pessoas que não querem que tais conhecimentos cheguem na massa trabalhadora.

Muito embora tenham se passado alguns anos da redemocratização, podemos dizer que ainda nos encontramos nesse contexto de afirmação e universalização dos direitos e garantias constitucionais. A legislação que surgiu a partir desse momento, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBEM - e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs - para os níveis de ensino fundamental e médio, são conquistas institucionais da sociedade e dos profissionais da educação que lutam pela democratização das políticas educacionais, pelo acesso universal à escola de qualidade e pela produção de práticas pedagógicas voltadas à formação do cidadão construtor da sociedade democrática (PACHECO, 2017, p. 15-16).

Em 2017, a última versão da Base Nacional Comum Curricular é publicada (ainda incompleta). O desenvolvimento da BNCC, tem como função definir os direitos e objetivos de aprendizagem. Sendo assim, projetando uma base-comum em todo o território nacional, ou seja, possuem diretrizes em comum. Contudo, o documento garante que a organização pode formar currículos diversos, deixando evidente que esta não se resumia somente a este seguimento. Dessa forma, cada estabelecimento, ou cada região pode adotar temas adicionais relacionados a sua cultura, economia, características sociais e geográficas.

¹ As aulas personalizadas funcionam de acordo com o tema trabalhado, a partir das informações que o professor tem sobre o cotidiano do alunado, por exemplo o que é “familiar” para eles e os materiais e equipamentos que a escola disponibiliza.

O documento da BNCC, entretanto tem suas problemáticas. Como podemos perceber, ao ver que sua aprovação ocorreu em 2017, logo pensamos no cenário do período, este, marcado pelo recente impeachment da presidenta Dilma Rousseff, tendo Michel Temer como então atual presidente da época. Nesse sentido, o documento não se encontrava em completo estando faltando a parte pensada para o ensino médio. Por conseguinte, nos cabe discutir os aspectos referentes ao ensino fundamental anos finais.

Dessa maneira, quando nos aprofundamos em sua análise, nos deparamos com os apontamentos realizados por Oliveira e Caimi (2021), que nos alerta para algumas das características e propostas. Os autores, destacam a utilização do documento, como régua homogeneizadora para sanar com as desigualdades econômicas, sociais e raciais em nosso território. Dessa maneira, ao encontrar o seguinte trecho no documento, percebemos que o trabalho dessa temática deve ir além do discurso teórico oferecido nos materiais didáticos.

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber (BNCC, 2022, p. 401).

Nesse sentido, o documento aborda questões ligadas a diversidade cultural, cumprindo com as exigências da Lei Federal nº 10.639/03 atual Lei nº 11.645/08 e, portanto, colocando em evidência os povos indígenas brasileiros, além da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil e a cultura negra brasileira.

Mesmo assim, é possível perceber no decorrer do material a priorização da abordagem ligada a conteúdos eurocêntricos, o que acaba comprometendo a abordagem de outros conteúdos, principalmente quando falamos sobre as especificidades do ambiente onde esses educandos vivem, pois como já dito antes, se trata de um documento homogeneizante.

Assim sendo, o material didático produzido segundo as instruções da BNCC não abre espaço para questões ligadas a realidade da escola; e, de seus estudantes, como seus conhecimentos e suas vivências. Não disponibiliza um espaço de qualidade; e, por esse ângulo, o professor acaba por não contar com muitas opções para incluir estes conteúdos nas aulas ou as inquietações que surgem

Sendo assim, cada direito é uma conquista alcançada, que abre espaço para o professor desenvolver metodologias que gerem entusiasmo no alunado, que agreguem valores, metas, sede de conhecimento, fome de justiça e principalmente posicionamento que instigue criticidade. Esta última, que pode e deve ser estimulada a partir de metodologias pedagógicas que incitem uma abordagem da disciplina de História de forma problematizadora.

Principalmente por termos chegado a um nível da globalização que a informação chega de forma instantânea em nossas telas, sendo preciso ter discernimento para analisar essas informações de acordo com seu posicionamento na História e a qual contexto está relacionada.

Dentre as metodologias de ensino que a educação propõe, é na pedagogia de projeto que temos estudado, logo apresenta-se com um grande potencial de desenvolvimento diante das necessidades relatadas.

Segundo Ricardo Pacheco (2017), nesta proposta metodológica são trabalhados fatores como, o reconhecimento do ensino e aprendizagem como um campo ambivalente, ou seja, existe uma troca de saberes entre os educadores e educandos, pois nesse trabalho em conjunto, ambos se veem como agentes sociais construtores do conhecimento, mesmo que inseridos nessa proposta em funções diferentes, sendo o professor o agente orientador da pesquisa e os alunos agentes pesquisadores ativos.

A pedagogia de projeto teve seu despertar a partir do estudioso filósofo estadunidense John Dewey (1859-1952). Segundo Fúlvia Franks e Elize Keller-Franco (2020), os debates sobre a metodologia de projeto começaram a ganhar forma no Brasil, a partir da chegada do movimento da Escola Nova em 1930 e tinha como objetivo “transformar” a educação contando com o desenvolvimento dos educandos.

Por conseqüências, que Fúlvia Franks e Elizer Keller-Franco (2020) destacam a importância que as metodologias ativas vêm ganhando, principalmente por propor o papel de protagonista para o educando. Dessa maneira, trabalhar ativamente traz vida ao ensino, que ganha contexto, propósito, funcionalidade e inquietações.

Além de propiciar a interdisciplinaridade, com a construção de um conhecimento seguindo junto de todas as disciplinas, trabalhando com a formação de futuros cidadãos participativos, empenhados, que buscam indagar, problematizar, além de agentes críticos. Fazendo a utilização principalmente da História, para buscar embasamento teórico, ao analisar acontecimentos, informações e notícias.

Na tradição escolástica e cartesiana, o aluno apenas empenhava o papel de ouvinte e ator coadjuvante, não só na sala de aula, mas em sua vida, na sua cidade e em seu país como cidadão. Como resultado, temos hoje a falta de compromisso, empenho e exigência perante as autoridades que nossa sociedade tem atualmente, além da péssima infraestrutura e serviços públicos que desfrutamos, mesmo estando entre os trinta países com maior carga tributária de acordo com, Marcelo Camargo (2021).

As origens da ABP (Aprendizagem Baseada em Projeto) remontam às proposições didáticas entre os séculos XIX e XX nas ideias de John Dewey, difundidas por Kilpatrick (DINIZ, 2015) e vêm sendo utilizadas para reforçar iniciativas de inovação na prática pedagógica, com a finalidade de atribuir significado ao processo de ensino e aprendizagem que desenvolva competências e habilidades exigidas no século XXI, a exemplo da colaboração, tomada de decisões e resolução de problemas (SIQUEIRA; SOUSA; OLIVEIRA, 2020).

No desenvolvimento da metodologia de projeto, tem-se um grande desdobramento voltado para a socialização. É nessa perspectiva, que todas as atividades têm seu resultado compartilhado entre os colegas da turma, trabalhando aspectos de timidez, autoestima e confiança. Além de compartilhar resultados de forma dinâmica e mostrar para os educandos a maneira como mesmo trabalhando com fatos e questões científicas a disciplina História pode se mostrar um tanto subjetiva, fazendo os mesmos buscarem esmiuçar cada detalhe para ver as diferentes faces do tema abordado.

A partir das práticas que são desenvolvidas pela metodologia de projeto, com aulas que utilizem diferentes recursos, como músicas, filmes, desenhos, imagens e

tantos outros recursos, o professor proporciona para os alunos novas e marcantes experiências, nunca foi tão empolgante aprender sobre a História. Assim, estimulando principalmente a interpretação. Logo, ao realizar atividades diferenciadas a partir de múltiplos recursos, é despertado o encanto dos discentes perante fatos históricos.

Dentre estes recursos pode haver a utilização de músicas, que representam períodos, como é o caso das várias canções feitas por artista que buscavam driblar a censura durante o golpe civil militar de 1964. A exemplo, a música “cálice”, escrita por Chico Buarque e Gilberto Gil.

Outro exemplo bem marcante, é a utilização de músicas antirracistas que trazem à tona uma mistura de emoções e conotações, que ao ser analisadas, como é o caso da música emblemática “a carne”, de Elza Soares. Observamos o teor crítico de cada verso. Ao utilizarmos músicas no ensino de História é preciso mostrar ao educando a necessidade de interrogar esse documento, como em qual período foi lançada, as características sociais do autor, o público alvo, além do texto e contexto em si.

Outra prática que ganha destaque segundo o texto de Ricardo Pacheco (2017, p. 28) é que, de acordo com alertas de Carlos Alberto Visentini (2005), ao utilizarmos material cinematográfico, é importante que possamos explorar a narrativa, definindo cenas e falas para serem interrogadas e analisadas, servindo de exemplo. Nesse sentido, a partir das percepções afloradas durante essas atividades, o alunado pode exercer isso no cotidiano, enxergando detalhes antes, despercebidos.

Diversos materiais de apoio didático já formulam atividades onde são apresentadas fontes primárias para serem interrogadas pelo educando. Mais que um exercício de iniciação à prática do historiador, atividades que seguem esse modelo estimulam a interpretação das informações recebidas por meio do método da crítica documental. Atitude indispensável para o cidadão ler criticamente um jornal ou entender o sentido das propostas de um candidato em um processo eleitoral, por exemplo (PACHECO, 2017, p. 27-28).

Portanto, diante de tantos benefícios apresentados nos estudos sobre o desenvolvimento da metodologia de projeto em sala de aula, principalmente no ensino básico, vemos a importância de sua abordagem na formação de professores tanto nos cursos de licenciatura nas universidades, quanto na formação continuada.

Nesse sentido, ao planejar desenvolver projetos, é preciso pensar nas atividades de forma minuciosa e desenvolver seu plano junto com os educandos que o realizaram, para que estes entendam a importância não só da pesquisa que será desenvolvida, porém que o desenvolvimento de um projeto de pesquisa é um processo verdadeiro, baseado em fatos que precisam ser investigados e comprovados cientificamente, mesmo no ensino básico.

Em vista disso, vemos na educação o movimento da humanização que Selma Garrido Pimenta (1999) aponta ocorrer com o intuito de tornar os educandos agentes do processo educativo. Por conseguinte, é na educação escolar, no desenvolvimento realizado juntamente entre, os discentes e os docentes, que buscam dar continuidade ao desenvolvimento da humanização de todos os envolvidos, seja de forma direta ou indireta.

Nessa circunstância, é preciso destacar que para desenvolver uma metodologia de projeto é fundamental que o professor busque se inteirar acerca de

como desenvolver realmente a tão comentada metodologia de projeto, de forma dinâmica e articulada quanto aos principais temas que os alunos são entusiasmados, a suas realidades e os pontos indispensáveis a tratar sobre o tema escolhido.

Nessas circunstâncias, é importante que o educador tenha formação que leve a uma prática que desenvolva principalmente os temas transversais para o desenvolvimento da educação nacional como, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural, ética e meio ambiente. Temas que estão diretamente ligados ao cotidiano da vida dos brasileiros; e, que muitos ainda não têm um conhecimento prévio sobre, ou preferem ignorar ou até mesmo mostram-se contrários ao ensino, por causa das teorias baseadas no senso comum, resultado do pré-conceito criado no entorno desses temas.

Nesse contexto, voltamos nossos olhos para a importância da base que desenvolve a prática metodológica nas universidades, com destaque para a abordagem das disciplinas de metodologia do ensino e estágio supervisionado.

Entretanto, infelizmente corriqueiramente não contemplam o desenvolvimento e aperfeiçoamento de metodologias e práticas que já estão ocupando espaços entre as diversas tentativas de atrair a atenção das crianças e jovens, mesmo que já tenham muito tempo no mercado e anos de estudo, como é o caso da metodologia de projeto, que muitos a julgam como ultrapassada, mas que a cada dia se renova, pois tem um alto poder de aperfeiçoamento, por ser aplicada a qualquer tema com formatos e aplicabilidade diferenciadas em seu desenvolvimento palpável, conseqüentemente, é exatamente dessa forma de metodologia que nossa sociedade em estágio de desenvolvimento precisa.

Uma metodologia híbrida que se adeque as mudanças rápidas e constantes a qual estamos sujeitos a passar. Tendo em vista que, o compartilhamento de notícias acontece de forma instantânea, mas que mesmo assim isso não significa conhecimento, sendo preciso termos nossa criticidade desenvolvida para sabermos a procedência da notícia e sua influência em nosso cotidiano. Como é o caso de vermos muitas pessoas criticando o preço do pão francês (conhecido com essa nomenclatura em algumas regiões), mas que teve seu aumento em decorrência da alta do dólar que interfere, diretamente, nas importações.

4 AÇÕES EDUCATIVAS COM METODOLOGIA DE PROJETO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE -PB

Nesta seção, discutiremos o desenvolvimento do projeto criado pela professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, “História e cultura afro-brasileira: conhecimento e valorização”, apresentando as atividades, expondo o trabalho realizado com as turmas de 7º ano. A pesquisa está pautada em relação ao projeto de cultura afro-brasileira desenvolvido na Escola Municipal Padre Antonino, localizada na periferia da cidade de Campina Grande-PB, onde a partir do programa de Iniciação à docência da Residência Pedagógica, subprojeto História, que atuou em Campina Grande. Tivemos oportunidade de vivenciar e compartilhar as experiências com a questão racial, na perspectiva do povo negro.

O projeto é estruturado anualmente, e sofre variações de acordo com o ano, a turma e os alunos que fazem parte de cada edição. Dessa maneira, é realizado de forma paralela a grade curricular, dos educandos do ensino fundamental, sendo

conciliado com as quatro aulas que a professora de História tem no ensino fundamental anos finais, acontecendo em uma aula por semana durante todo o ano letivo.

Nesse contexto, na primeira cota do programa Residência Pedagógica, subprojeto História, de 2018 até janeiro de 2020, trabalhamos com a professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho. Com ela, tive contato com o projeto História e cultura afro-brasileira: conhecimento e valorização e a execução da pedagogia de projetos em sala de aula do ensino básico.

O projeto desenvolvido em 2006, pela professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, foi intitulado como, “História e cultura afro-brasileira: conhecimento e valorização”, pensando para repensar sobre a importância da visibilidade a nossa diversidade cultural; e, a uma cultura antirracista, buscando aplicar a Lei 10.639/2003, atual Lei 11.645/08. De forma maleável com metodologias e atividades que não sejam relacionadas as práticas normativas e engessadas que, por tanto tempo, foram cultivadas em nosso país, mas que hoje vários professores, como a Marinalva Vilar, provam que não são a única via para o ensino, nem necessariamente “corretas”.

Em 2019, ano no qual tivemos a honra de acompanhar o seu processo de desenvolvimento, o projeto completava treze anos e o documento que analisamos é referente ao 13º volume da obra. Dessa maneira, o princípio para o desenvolvê-lo, deu-se a partir de inquietações provocados pelo estudo da Lei 10.639/03, e que a levaram a pensar na convivência dos seus educandos, especificamente, enquanto leitora assídua das obras de Paulo Freire.

Em vista disso, o projeto da professora transmite nas suas proposituras a perspectiva freiriana, para que a cada dia o alunado tenha menos traumas das escolas, como situações de misoginia, racismo, bullying e mais memórias afetivas de acolhimento, pois sabemos que um ensino que busque a leveza e o despertar de um novo ser. Nesse sentido, visualizamos a seguinte imagem (**figura 1**), localizada na capa do projeto, é possível analisar como a educação nos permite um espaço de mudança e a transformação no ambiente escolar, no sentido de trabalhar a quebra de “pré-conceitos” sobre os mais variados temas. Também percebemos que o projeto foi planejado para ser realizado nas escolas públicas municipais da cidade de Campina Grande- PB.

Figura 1 capa do projeto desenvolvido pela profa. Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO



Campina Grande -2019

Na capa do trabalho, já é possível refletirmos, a partir da imagem utilizada de Nelson Mandela, o pensamento dito pelo líder africano, “para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”. Dessa maneira, qual a melhor forma de aprender, que use atividades diferenciadas e que consiga envolver os educandos por todo o ano letivo? E a professora Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, nos mostra a resposta ao desenvolver a pedagogia de projetos de forma majestosa voltada para a abordagem da cultura e história africana e afro-brasileira.

O trabalho é pautado na justificativa do papel da escola na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos. É fundamental que o professor de história estimule os educandos a pensarem criticamente e questionarem o meio em que vivem. O professor deve, além de formar cidadãos críticos, formar para além de questões voltadas para o ensino, o educando precisa ser estimulado a formar sua identidade valores e a reconhecer o “seu eu”, as várias características que formam juntas o faz exatamente como é.

O projeto foi pensado como proposta para viabilizar aplicação da Lei Federal nº 10.639/03 logo quando promulgada, modificada pela atual Lei nº 11.645/08, que informa sobre a obrigatoriedade da abordagem da história da África, dos africanos, e a cultura negra brasileira. Carvalho (2019), expõe que o seu objetivo no projeto é oportunizar a desconstrução das imagens negativas sobre o tema e construir na escola um ambiente de respeito às diferenças.

O projeto aborda também, como objetivos específicos propostas para estimular os educandos das mais variadas formas a partir de atividades e desenvolve o projeto visando a formação desses, como cidadãos.

Objetivos específicos:

- 1- Estimular os educandos para interajam entre si pondo em prática suas habilidades de comunicação oral e escrita, a partir do seu conhecimento prévio.
- 2- Desenvolver procedimentos de ensino aprendizagem visando a formação de cidadãos antirracistas utilizando recursos audiovisuais, produção textual, desenhos (signos) e exposições orais (CARVALHO, 2019, p.03).

Percebemos a partir do primeiro objetivo específico, que tem como foco estimular os educandos principalmente colocando em prática a comunicação presente, tanto na fala, quanto na escrita. Portanto, é importante que os educandos construam sua familiaridade com a comunicação, contribuindo com seu potencial de sociabilidade.

Acerca do que foi posto, essa prática conversa diretamente com segundo objetivo específico, que busca desenvolver uma formação para o cidadão, que além de antirracistas, devem conseguir expor suas impressões a partir de textos, desenhos ou até mesmo de forma oral.

Assim, para a mediação e o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, norteamos nosso trabalho na teoria vygotskyana onde o aprendizado é um elemento necessário e fundamental no desenvolvimento "O aprendizado possibilita e mobiliza o processo de desenvolvimento". E ainda, "o aprendizado constitui-se como necessário e universal para o desenvolvimento humano (VYGOTSKY apud REGO, 2002 p. 53), nesse sentido, consideramos que é na escola o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem (CARVALHO, 2019, p.04).

A partir de teóricos como Vygotsky (2002) e Freire (2003), que observamos que o aprendizado como caminho do desenvolvimento, permite que na escola as relações com o conhecimento floresçam. Freire mostra que no processo de aprendizagem todos aprendem, de maneira que não podemos olhar para o educando e anular suas vivências. Carvalho (2019) faz uso de referências como essas, buscando desenvolver um projeto pensado e elaborado para o alunado, mostrando que esse público e suas interpretações cotidianas merecem sobretudo, respeito. Sendo assim, é dever do professor ouvir e discutir o que os educandos têm a dizer.

Dessa maneira, a metodologia utilizada, prioriza o método interrogativo, nos dando a oportunidade de ouvi-los e fazerem ser entendidos, logo o protagonista do projeto é o educando que participa ativamente da produção do projeto. A primeira problemática do projeto inquieta o aluno da seguinte maneira, “o que penso sobre a África?”. Posteriormente, a partir do diálogo formado, a professora norteou as demais atividades que vieram a ser desenvolvidas logo em seguida.

Discutimos a partir deste momento como foram desenvolvidas as atividades do projeto mencionado, apontando a sua trajetória nas aulas de História da professora Me. Marinalva Carvalho, em 2019, quando a acompanhamos em uma turma do 7º ano do ensino fundamental II o planejamento do núcleo do projeto foi arquitetado pela professora organizadora a 16 anos, quando criou o projeto e o desenvolveu pela primeira vez. Como o projeto é desenvolvido no decorrer do ano letivo, em uma aula por semana, paralelo ao currículo.

- 1- Exposição oral sobre o Dia Internacional contra a Discriminação Racial e o combate ao preconceito. (21 DE MARÇO). Vamos solicitar como atividade escrita que os educandos em dupla ou individual produzam um desenho e uma frase retratando o que foi apreendido sobre a exposição do tema. (essa atividade será retomada - Dia da consciência negra) (CARVALHO, 2019, p.05).

Nesta primeira atividade, os educandos tiveram a oportunidade de representar a partir de um desenho e frase, o seu olhar sobre o tema discutido, “Dia Internacional Contra a Discriminação Racial e o Combate ao Preconceito”. Dessa maneira, foi perceptível o quanto os educandos mostraram ter dificuldade para expressar o que pensava. E, então, os auxiliamos a como colocar essas informações para além do mundo das ideias, orientando-os na construção do conhecimento.

- 2- Com o uso da planta baixa do mapa do continente africano os alunos poderão ter a construção mental do espaço geográfico desse continente africano, que geralmente é pensado como se fosse um país. Solicitar uma pesquisa sobre um país do continente² (CARVALHO, 2019, p.05).

Na realização dessa atividade, contamos com a utilização de imagens, mapas impressos e lápis de cor. Os educandos, mostraram-se surpresos com a imensidão do continente. Muitos acreditavam se tratar de um país; e, ficaram impactados ao descobrir que a África é um continente. Outros discentes que lembraram de quando estudaram o Egito, foram surpreendidos ao saberem que este é um país, e está localizado no continente africano. A aula teve como objetivo, mostrar a divisão do continente.

² <http://www.luenticus.org/mapaspt/africa>

- 3- Para explicar aos educandos como são construídas as imagens negativas sobre o continente africano, optamos pelo método demonstrativo. Nessa etapa será apresentada um vídeo³ (CARVALHO, 2019, p.05).

Nesta atividade, aconteceu a demonstração com o vídeo “os africanos-raízes do Brasil - episódio 3”. Logo após, os educandos discutiram com o auxílio da nossa mediação, sobre o conteúdo do vídeo, apresentando seus entendimentos.

Esta aula aconteceu com o intuito de, posteriormente, o conteúdo abordado ajudar os educandos na realização de outras atividades do projeto.

- 4- Com o vídeo: 'A cor da cultura'. Buscamos constatar as imagens que os educandos já têm sobre o continente africano. O narrador apresenta 10 palavras para que se identifique a África. Portanto, também vamos solicitar aos educandos que respondam no caderno escolhendo 05 palavras entre as 10 apresentadas no DVD. As palavras são: Riqueza ou pobreza, saúde ou doença, tribo ou civilização, desenvolvimento ou atraso, Instabilidade política ou Estabilidade política. Deixamos explícito, que nessa atividade não se trata de negar os reais problemas que são visíveis no continente africano, mas pretendemos esclarecer que nem tudo na África são pobreza, fome e miséria (CARVALHO, 2019, p.05).

Dessa maneira, salientamos que como em qualquer lugar, no continente africano também existem problemas, mas estaria ele resumido apenas a problemas? E após os educandos refletirem e assistirem o vídeo, todos escolheram cinco palavras de um total de dez apresentadas. Ao final da atividade, discutimos também que muitos problemas vividos no continente africano, até a atualidade, são consequências da influência da corrida imperialista do século XX. O objetivo desta atividade, foi perceber como os educandos enxergavam o continente trabalhado como também, suas percepções acerca da interpretação do vídeo.

- 5- Com o objetivo de identificar através da produção de um acróstico se os educandos já conseguem pensar diferente com relação à África, o negro e o preconceito racial (CARVALHO, 2019, p.05).

A partir da produção do acróstico, que utilizou materiais como folha e lápis de colorir, os educandos nos apresentaram palavras ligadas ao continente africano, utilizando iniciais presentes na palavra África. O que mostrou já na metade do desenvolvimento do projeto que os olhares sobre o continente e o povo africano havia mudado. O intuito dessa abordagem, foi trazer a reflexão novamente sobre o continente aos educandos, que nesse momento pensaram nas palavras de forma espontânea. “Para problematizar a questão do preconceito com relação a mulher negra, utilizaremos o filme: Xadrez das cores” (CARVALHO, 2019, p.05)

O filme “Xadrez das Cores”, trouxe aos educandos, a analogia ao preconceito, representado a partir do jogo de xadrez com suas peças pretas e brancas, sendo a representação do preconceito de forma prática. Nesse contexto, Cida é interpretada por Zezeh Barbosa, uma empregada doméstica, preta, de 40 anos de idade e que sofria uma série de humilhações e ofensas, a partir do jogo de xadrez que sua patroa jogava com frequência. A patroa Maria, interpretada por Mirian Pyres, uma

³ <https://youtu.be/fGUFwFYx46s>

senhora viúva, branca e de 80 anos, que praticava racismo com frequência. Cida suportava as várias situações de racismo, pois necessitava do trabalho.

Dessa maneira, o filme ganha proporções maiores ao mostrar como essa situação é vivenciada, a partir do ensino; e, como Cida muda, não só a realidade em que vive, mas como também de crianças que a personagem tem contato. Os educandos tiveram seu senso de justiça despertado; e, assim, colocaram sua opinião no papel, a partir de suas percepções de como seria possível enfrentar situações como aquelas em seu cotidiano no presente. Assim sendo, o objetivo da atividade foi trabalhar as formas de como combater ao racismo.

- 6- Vamos utilizar a música: ' Mão da Limpeza', autoria de Gilberto Gil. Esta descreve como os negros eram tratados no período da escravidão⁴ (CARVALHO, 2019, p.06).

Discutimos com o alunado que “Mesmo depois de abolida a escravidão/ Negra é a mão da limpeza”, mostrando que a mão-de-obra negra ainda explorada na atualidade, sendo mal remunerada inclusive no século XXI. E que muitos não tem a oportunidade de aperfeiçoar a sua forma de trabalho, com qualificação, com escolaridade, cursos técnicos ou universitários.

A partir da letra da música “a mão da limpeza” foi possível discutir versos como, “O branco Inventou que o negro/ Quando não sujar na entrada/ Vai sujar na saída”, que nos mostra como alguns ditados populares são ditos até hoje, principalmente no interior.”. Realizar leituras de imagens: o negro antes e depois da escravidão” (CARVALHO, 2019, p.06).

Nesta atividade, foram expostas imagens em cartazes sobre a figura negra, durante e após o período de escravidão. Gerando discussões sobre a vida das pessoas negras como as dificuldades, vividas em cada período, mesmo os que permaneceram após o período escravista.

- 7- Vamos trabalhar com a poesia de Solano Trindade “Sou negro”, para identificarmos o protagonismo do negro⁵ (CARVALHO, 2019, p.06).

Trabalhamos com a poesia de Solano Trindade “Sou Negro”, foi entregue para cada educando uma cópia da obra, e a partir desta perspectiva, discutimos os versos e as possíveis interpretações. Os educandos se envolveram mostrando que conheciam várias menções, a partir das discussões em outras atividades como, o maracatu, sendo uma manifestação do folclore. Zumbi, um forte líder Negro. E o que foi o maior Quilombo da América Latina, Palmares. Logo, não podíamos deixar de fora o samba, por exemplo. O objetivo desta atividade buscava trabalhar a interpretação dos educandos quanto as diferentes formas de expressão. Neste caso, a poesia “realiza pesquisas sobre personalidade negra na sociedade brasileira” (CARVALHO, 2019, p.06)

Nesta atividade, os educandos ficaram livres para pesquisar personalidades negras brasileiras, que são/foram marcantes; e, que, para eles, até hoje, merecem destaque. O objetivo desta atividade, foi justamente para que os educandos buscassem a representatividade, ou seja, buscassem figuras com as quais se identificassem.

⁴ <https://m.letras.mus.br/gilberto-gil/574045/>

⁵ <https://anovademocracia.com.br/noticias/17888-poema-sou-negro-1961-de-solano-trindade>

- 8- Pesquisar o legado afro-brasileiro no aspecto cultural: alimentação, danças, festas, músicas, vocabulário, religião” (CARVALHO, 2019, p.06).

Nesse sentido, o alunado pesquisou no contexto brasileiro, no aspecto cultural o legado afro-brasileiro em vários âmbitos. Alguns resultados das pesquisas já eram imaginados pelos estudantes. Enquanto outros, foram surpreendentes. Dessa maneira, os estudantes mostraram gostar de aprender, principalmente pelo fato de as atividades serem diferenciadas e dinâmicas. Mostrando aspectos do cotidiano e os levando a aprender e reconhecer o seu em torno. Nesse sentido, esta atividade teve como objetivo, estimular a curiosidade e a pesquisa do corpo discente.

As avaliações dos educandos, referente as suas atividades desenvolvidas, foram feitas de acordo com a realização do projeto ao longo do ano. Dessa forma, foram levadas em consideração os pactos dos educandos como o comprometimento e o envolvimento da turma.

Por conseguinte, temos a conclusão das atividades com o material pronto em mãos. Portanto, o projeto concluído com a produção do livro de cada educando contendo suas atividades produzidas no decorrer do ano letivo. Assim sendo, quando é comemorado no dia 20 de novembro o Dia Nacional da Consciência Negra, temos a culminância do livro, em que o alunado, nossos autores, tem o espaço para assinatura do trabalho desenvolvido no decorrer das aulas, apresentando os resultados aos familiares e a toda comunidade presente.

A experiência, com o projeto, possibilita abrir caminhos nos processos de ensino e aprendizagem para a participação coletiva de estudantes na escola. Participar da Residência nos norteou nesta perspectiva de que os projetos escolares com temáticas da cultura afro-brasileira, além de contribuírem para inclusão educativa da história e cultura deste povo, possibilitam pôr em prática a lei 11.645/2008 e a inclusão educacional desta cultura.

5 CONCLUSÃO

Consideramos o tema explorado de suma importância do ponto de vista social e que ajuda a combater a discriminação; e, principalmente, o racismo. A pedagogia de projeto ajuda a trabalhar temas que, muitas vezes, os livros didáticos não abordam, ou trabalham de forma resumida, como é o caso da história e cultura africana e afro-brasileira. Dessa maneira, a pedagogia de projetos pode fazer esse trabalho de forma majestosa, com diferentes atividades, incluindo os variados aspectos sobre o tema colocando os educandos nessa produção, os tornando protagonistas da História.

A partir do presente trabalho de conclusão de curso, pudemos perceber que a escola é o melhor lugar para o desenvolvimento de projetos. Partindo do ponto de vista do curso de licenciatura plena em história, observamos que a partir dessa abordagem, o curso pode investir em estágios supervisionados mais longos, que as disciplinas de metodologia devem abordar métodos com a pedagogia de projetos e estimular os educandos a produzirem trabalhos como este, sobre as mais variadas temáticas, compartilhando de diversas atividades.

Do ponto de vista da escola, acreditamos que o tema aqui problematizado tenha contribuído forma descritiva, como a metodologia de projeto pode atuar pertinentemente na sala de aula. Portanto, a partir desta abordagem, que mostra o

funcionamento da metodologia de projeto as escolas podem estar receptivas quanto à inclusão desses projetos, para desenvolver temas que como já mencionado, os livros didáticos abordam de forma resumida, ou temas que não estejam presentes ainda nos livros.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Fundamental - BNCC - 2022. **Base Nacional Comum Curricular, Ministério da Educação**, 2022. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.

CARVALHO, Marinalva Bezerra de. **História e cultura afro-brasileira: conhecimento e valorização**. Campina Grande, 2019. Projeto em fase de execução aplicado nas escolas municipais desde 2006. Campina Grande: Secretaria de Educação - Escola Padre Antonino, 2019.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. 138 p.

FRANKS, Fúlvia; KELLER-FRANCO, Elize. Aprendizagem baseada em projetos: a concepção de docentes. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 6, n. 17, [s. p.], 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia; saberes necessários**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 142 p.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes **Política & Sociedade**, [s.l.], v. 10, n. 18, p. 133-154, 27 abr. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2011v10n18p133>. Acesso em: 23 out. 2022.

MARCELO CAMARGO. Gigante ao tributar, Brasil consegue ser nanico ao entregar serviços. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/instituto-millennium/gigante-ao-tributar-brasil-consegue-ser-nanico-ao-entregar-servicos/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

MORAES, R. F. O ensino de cultura e história afro-brasileira e indígena na educação básica: o desafio de professores, alunos e ações governamentais. **Revista História & Perspectivas**, [s. l.], v. 28, n. 53, [s. p.], 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32775>. Acesso em: 12 out. 2022.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; CAIMI, Flávia Eloisa. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, n. 1, p. 01-22, set. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.77041>. Acesso em: 23 out. 2022.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: Um Percorso Docente**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017. 148 p.

PEIXOTO, M. do R. da C. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental. Como e por que aprender/ensinar história. **Revista História & Perspectivas**, [s. l.], v. 28, n. 53, [s. p.], 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32765>. Acesso em: 12 out. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15 a 34.

PRIORE, Mary del. **Uma breve história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016. 315 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 273 p.

SIQUEIRA, Luiza Carla Carvalho; SOUSA NETO, Manoel Veras de; OLIVEIRA, Francisco Kelsen de. Aprendizagem baseada em projetos (ABP): um relato sobre o uso do life cycle canvas (lcc)® na educação básica. **Prometeu**, [s. l.], UFRN, v. 6, [s. n.], p. 01-17, jun. 2020. Disponível em: http://lte.ce.ufrn.br/prometeu/revistas/revista_2020/6.pdf. Acesso em: 23 out. 2022.

SOUZA, Gasperim Ramalho de; ROQUE, Arnaldo César. Identidades e Epistemologias: A Lei 10639/03 na Descolonização da Escola. **Revista Interritórios: Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco**, Caruaru,

v. 6, n. 12, p. 134-151, dez. 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.33052/inter.v6i12.248993>. Acesso em: 23 out. 2022.

SOUZA, N.S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por conceder tantas oportunidades, pela força concedida e por tantas bênçãos.

A minha orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão, que me acolheu ainda no início da minha trajetória acadêmica, me acompanhando em todo o curso e me instruindo com leituras sugeridas, aulas e conversas, principalmente sobre o tema do presente trabalho. Encontro esse, proporcionado a partir do Programa Federal de iniciação à docência Residência Pedagógica, como coordenadora do sub projeto História. O programa, que foi primordial para o meu crescimento acadêmico e pessoal, me possibilitou oportunidades, primeiro na cota (2018-2020) como bolsista e em uma segunda cota (2020-2022) como voluntária, conheci projetos, trabalhos e professores que foram fundamentais para minha formação. Foi durante esse processo, que me encontrei como pesquisadora residente e professora.

A Prof.^a Me. Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho, pelas tardes de aprendizado, pelo acolhimento com todas as residentes e pelo belíssimo projeto, que mudou minha percepção de ensino e aprendizagem na prática.

A prof.^a Dr.^a Paula Almeida de Castro, coordenadora geral do programa Residência Pedagógica na instituição de ensino Universidade Estadual da Paraíba, pois sem seu trabalho e apoio, como coordenadora e organizadora do programa na instituição, nada teria sido possível.

A minha família, meu pai, João Batista Albuquerque, minha mãe Inácia da Silva Albuquerque, meu irmão Ramon da Silva Albuquerque e minha irmã Rita de Cássia da Silva Albuquerque, por todo o apoio financeiro; e, principalmente emocional, por acreditarem no meu potencial e me ajudarem a concretizar esse objetivo.

Agradeço ao meu namorado, Yure, por todo incentivo, compreensão, por apoiar minhas decisões e todo o cuidado.

Aos meus amigos que, compartilharam dessa trajetória, Jalidiane, Anna, Vitória, Lucas Truta, Mayara, Jessica, Ana Carolina e Jean. Me apoiaram em todos os momentos e fizeram dessa caminhada um período único e especial.

Aos meus amigos, que mesmos em caminhadas distintas, foram essenciais, Nathalia, Daniele, Lorrana, Rebeca e Isaías.

Aos professores do curso que ao longo da graduação foram únicos nas observações, comentários e incentivo.

Por fim, aos professores examinadores da banca pela disponibilidade e atenção.